

Documentação

Fonte: *ISTO É (dinheiro)*

Data: *29/9/99* - Pg *68 e 69*

Class. *215*



AÇÃO SOCIAL

FÁBRICA-MODELO
Os primeiros ribeirinhos vão passar 90 dias na marcenaria de Valinhos, em SP

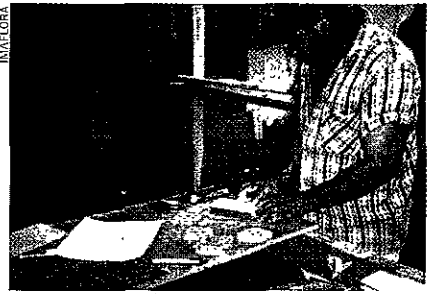
BOAS-VINDAS AOS RIBEIRINHOS

Etel Carmona leva e traz lições da Amazônia

CÉLIA CHAIM

Eles são aqueles homens (e mulheres) que vivem à beira e à custa do rio. No caso, do rio Paraíba do Ramos, na Amazônia. Ela é a mineira com cara de alemã Etel Carmona. Arquitetos, decoradores, consumidores de alto poder aquisitivo e necessariamente de gosto apurado suspiram ao ouvir seu nome. Etel e os ribeirinhos acabaram de se juntar numa aventura que promete grandes emoções e bons negócios para os dois lados. Ela está trazendo da Amazônia cinco ribeirinhos para a marcenaria-modelo que mantém em Valinhos, no interior de São Paulo, de onde saem móveis pelos quais também a designer francesa Andréa Putman suspira. Os ribeirinhos vão aprender a arte que fez do nome Etel Carmona um símbolo de qualidade, beleza e simplicidade. Ela banca tudo:

eles passam aqui 90 dias e aprendem com os 27 artesãos que ela mantém na fábrica como lidar afetuosamente e criativamente com a madeira. Não aprendem a produzir peças uma a uma, à mão, sem pregos, tudo com encaixes, num respeito quase sagrado à matéria-prima. É assim que Etel produz todos os meses 2 mil peças, autênticas obras de arte em madeira. Empresa pequena? Mas ousada de dar injeção às grandalhoas. Sua mais recente ousadia: por meio de um acordo com a ONG Imafloa, e com a prefeitura do município de Boa Vista



QUALIFICAÇÃO: projeto ousado de desenvolvimento comunitário

dos Ramos, na Amazônia, Etel conseguiu implantar um projeto de desenvolvimento comunitário na região. Os primeiros ribeirinhos que estão desembarcando em Valinhos voltam para sua terra e passam o conhecimento para a frente. Outros virão e, assim, muitos serão capacitados. "Vou dar a eles o que sei e eles vão me dar a simplicidade, que considero o máximo da sofisticação." Etel está exultante. Todo o dinheiro para custear o projeto, por enquanto, sai do seu bolso. Mas as coisas devem melhorar: no começo de outubro, ela vai participar de uma reunião em Marabá, no Pará, com representantes do Imafloa, do Banco Mundial, de 20 donos de madeiras e quatro governadores da região

para discutir o financiamento a projetos de manejo florestal, ou seja, projetos que vão ensinar as 4 mil madeiras da região a retirar a madeira sem prejuízo da floresta. Para se ter uma idéia de como "manejo florestal" soa como uma expressão russa na região, apenas uma empresa, a suíça Mil Madeira, que exporta praticamente toda a sua produção para a Europa, é certificada (sua única compradora brasileira é Etel Carmona). Segundo o Imafloa, 21 outras empresas estão tentando obter o certificado florestal e agrícola do Forest Stewart Council, o FFC. Não é fácil diante das condições de trabalho da região, quase medievais. Mas não é impossível: os índios caiapós, donos de 400 mil hectares no Pará, estão perto de dividir com os suíços da Mil Madeira o pioneirismo na certificação. Em 10% de sua área, eles manejam a floresta com um respeito e um amor pela madeira que os brancos jamais sentiram. Conclusão: está cheio de gente querendo comprar a madeira dos caiapós. ■